

O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS E AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE TIMES DE FUTEBOL: UM ENSAIO TEÓRICO SOBRE IMPORTANTE FENÔMENO URBANO DA ATUALIDADE

The problem of the violence on stadiums and soccer supporters: a theoretical essay on an important urban phenomenon of the present time

Ricardo Alexandre Guerra Vieira¹, Gisela Rocha de Siqueira²

RESUMO

A proposta deste ensaio foi refletir e organizar idéias sobre o fenômeno da violência nos estádios de futebol levando-se em consideração a participação das torcidas organizadas neste contexto. Para a coleta de material foram utilizadas obras de referência, dentre elas, livros e periódicos, priorizando textos da literatura das últimas décadas nos idiomas português, espanhol e inglês, sendo consultadas as bases de dados LILACS, MEDLINE, SCIELO e ADOLEC, vinculadas à biblioteca virtual BIREME, utilizando os descritores Violência, esportes e futebol. Observou-se que os aspectos econômicos e sociais podem ser apontados como determinantes para explicar este típico fenômeno da violência observada nos estádios e que a prevenção é um importante caminho a ser adotado, sendo fundamental compreender a necessidade de uma articulação coletiva, de caráter intersetorial e multiprofissional para superá-lo. Conclui-se, apontando a importância de se investir em pesquisas para esclarecer vínculos estabelecidos com temas como a violência urbana na vida das pessoas, a necessidade de educação do espectador e a implementação de medidas de punição.

PALAVRAS-CHAVE

Violência, esportes, futebol

ABSTRACT

This essay's purpose was to reflect and organize ideas about the violence phenomenon in soccer stadiums, taking into consideration the participation of the organized supporter groups in this context. For the material collection, reference texts had been used, amongst them, journals and books, prioritizing literature from the last decades in the Portuguese, Spanish and English languages, and being consulted the LILACS, MEDLINE, SCIELO and ADOLEC databases, tied with the virtual library BIREME, using the terms: violence, sports and soccer. It was observed that the economic and social aspects can be appointed as determinative to explain this typical phenomenon of the violence observed in stadiums and that the prevention is an important path to be followed, and that it is essential to understand the need of collective articulation, of intersectional and multi-professional character to surpass it. It is concluded, highlighting

¹ Mestrando em Hebiatria da Faculdade de Odontologia da Universidade de Pernambuco. Especialista em pedagogia dos esportes pela Universidade Federal de Pernambuco. End: Rua Conselheiro Silveira e Souza nº 425 Aptº 1201 - Cordeiro - Recife/PE CEP: 50721.170 E-mail: rhandguerra@hotmail.com

² Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Fisioterapia Traumato-ortopédica pela Faculdade Integrada do Recife.

the importance of investing in research to clarify relations between people's life and violence, the need for supporter education and punish measures implementation.

KEY WORDS

Violence, sports, soccer

1. INTRODUÇÃO

O futebol surgiu de forma regulamentada nas escolas públicas inglesas entre 1845 e 1862. A sua expansão pelo mundo se deu independentemente das estruturas e desenvolvimento dos estados-nações, entretanto, parece que em alguns países como a Argentina, o Brasil e o Uruguai, o futebol teve um importante papel na criação de uma identidade nacional no caso do Brasil, tornando-se mundialmente conhecido como o país do futebol (Reis, 2003).

A expansão do futebol trouxe consigo os elementos constitutivos do jogo, sua linguagem, sua forma de organização, seus costumes e, também, o hábito de terem adeptos assistindo aos jogos, os denominados espectadores ou torcedores. Hoje fazem parte deste cenário, pessoas que vestem a mesma camisa para se diferenciar dos outros e constituir para si e para o grupo uma nova forma de torcer que lhes dão uma identidade e sociabilidade, os torcedores organizados.

O recente movimento social e urbano de jovens em torno desta organização difundiu novas dimensões de relações, amoldando o comportamento dos participantes. Com aumento do significado social do futebol e o aparecimento de episódios violentos neste contexto, a violência passou a ser relacionada à participação destas torcidas, causando assim grande impacto na opinião pública, parte da sociedade brasileira questiona a sua existência e até exige a sua extinção (Pimenta, 1999; Teixeira, 2001; Reis, 2003; Cunha, 2003).

Desta forma, ganhando parte significativa na agenda social, especialmente nos veículos de comunicação de massa nos últimos anos, a violência nos estádios de futebol, caracterizada por atos de vandalismo, brigas e distúrbios praticados dentro e fora das praças esportivas, aparece como um problema social que se agrava no Brasil, fundamentalmente após o advento das chamadas torcidas uniformizadas ou organizadas (Pimenta, 1997; 1999; Reis, 2003).

E já que a violência, verbal e física, traduz-se em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento, principalmente de jovens, em torno das torcidas organizadas, como destacou Pimenta (1997), a proposta deste ensaio foi levantar dados e organizar idéias com relação a esse fenômeno, baseando-se em estudos com referências relacionadas à violência nos estádios de futebol, considerando e refletindo sobre a questão da participação das torcidas organizadas no contexto

deste complexo e sensível problema social que agrega questões de conhecimento e de intervenção.

2. MÉTODO

O presente estudo, ensaio teórico de pesquisa, foi desenvolvido através da análise documental de produção bibliográfica. Para a coleta de material, foram utilizados *sites* e obras de referência, dentre elas, livros e periódicos, priorizando textos da literatura das últimas décadas nos idiomas português, espanhol e inglês, sendo consultadas as bases de dados LILACS, MEDLINE, SCIELO e ADOLEC, vinculadas à biblioteca virtual BIREME, utilizando os descritores violência, esportes e futebol.

Após o levantamento bibliográfico, foram selecionadas 31 referências para leitura e análise do conteúdo das produções. Os critérios para inclusão dos estudos foram publicados nas últimas três décadas; redigidos nas línguas inglesa, espanhola e/ou portuguesa, com temática relacionada à questão da violência nos estádios de futebol e a participação das torcidas organizadas neste contexto. Com relação ao período de publicação, a maioria dos textos foi publicada entre 1990 e 2007.

3. RESULTADOS

O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS E AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE TIMES DE FUTEBOL: PANORAMA GERAL

Como primeira observação do estudo, se percebe a carência de referências relacionadas ao fenômeno social da violência especificamente observada nos estádios de futebol, no qual, apesar de ter importante papel, o envolvimento das torcidas organizadas também é pouco avaliado.

A maioria dos estudos encontrados trata da caracterização e descrição do problema, com inserção analítica orientada mais por discursos e depoimentos de autoridades, membros de torcidas, jornalistas, juristas e polícia e em experiências realizadas em determinados contextos, não sendo observada a utilização de metodologias com maiores perspectivas de contribuição científica baseadas em prevalência, análise para associação de fatores, delineamento do perfil sócio-demográfico dos participantes, entre outros.

Contudo, com base na análise dos resumos dos artigos, foi possível constatar as características desta produção e a partir da associação com outras, algumas tendências e direções foram observadas e neste trabalho.

De acordo com Schraiber *et al.* (2006), a violência é identificada atualmente nos espaços públicos e privados, nas relações institucionais, grupais ou interpessoais,

em tempos de guerra ou de suposta paz. Desta forma, para estes autores, os elementos para lidar com fenômeno de domínio tão amplo e alimentado por interconexões, ainda pouco conhecidas, não são suficientes.

A abordagem da violência nos estádios de futebol precisa de uma contextualização inicial.

A violência é um fenômeno complexo, resultante de múltiplas determinantes, que vem assumindo dimensões tão diferenciadas e contextualizadas que dificultam o estabelecimento de qualquer forma precisa de conceituação (Minayo, 2005).

E o futebol, enquanto um dos mais importantes fenômenos coletivos da atualidade, sofre os reflexos dos fatores de violência social, gerando assim conflitos manifestados dentro e fora dos estádios (Cunha, 2003).

Neste contexto, em relação aos resultados, autores como Barros (1990), Toledo (1996), Pimenta (1997), Chesnais (1999), Reis (2003), Pils (2005) e Cunha (2003) apontam importantes aspectos a serem considerados ao se tentar compreender o processo de violência observado nos estádios de futebol, tais como expansão do mercado de tempo livre, atuação da imprensa orientada pelo sensacionalismo das informações, intervenção acentuada do dinheiro no meio do futebol, falta de organização, impunidade e o surgimento das torcidas organizadas.

Reis (2003) descreve várias categorias de público de futebol: os espectadores, os torcedores e os torcedores organizados. Os espectadores são definidos como aqueles que usufruem do espetáculo do jogo apenas como uma atividade de lazer. Os torcedores, além de usufruírem do espetáculo, tomam partido em favor de uma das equipes, incentivando seu sucesso. Já os torcedores organizados trazem consigo um novo e próprio estilo de acompanhar o jogo e de torcer pelos times de futebol, consubstanciado num comportamento estético, vestindo uniformes, e verbal, com cantos e hinos entoados durante todo o jogo.

A partir da década de 80, com o agravamento das condições sociais no país, o comportamento destes torcedores modificou-se consideravelmente e as torcidas organizadas configuraram-se em organizações essencialmente urbanas e burocrático-militar, ou seja, com estrutura organizativa baseada em estatutos, quadro associativo, departamento administrativo e de vendas, sede para ponto de encontro, reuniões, interação social e preparação para o confronto físico e verbal contra os grupos rivais (Toledo, 1996).

O Estatuto de Defesa do Torcedor, transformado na Lei nº 10.671 em 15 de maio de 2003, estabelece normas de proteção e defesa do torcedor relacionadas a temas como transparência na organização das competições, regulamento e vendas de ingressos, segurança, acesso, preocupação com a saúde, higiene, punições e outras questões de aspectos jurídicos e demonstra a inquietação da sociedade e um processo de reflexão.

Assim, pela tradição violenta que foi se consolidada, as torcidas organizadas atraíram um grupo de jovens que não mais eram seduzidos pelo futebol, ou só por ele, mas antes pelos acontecimentos que este lhes proporcionava, e, hoje não se é torcedor de um clube, mas de uma torcida, que é um dos principais componentes no processo de violência atualmente observado nos estádios de futebol (Cunha, 2003).

Cabe verificar os argumentos dos autores nos artigos analisados sobre os fatores que contribuíram para determinar a violência nos estádios de futebol.

FATORES DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

De acordo com Cunha (2003), na primeira metade do século XX, os jovens tradicionalmente iam acompanhados aos jogos pelos pais, tios, irmãos mais velhos ou por diferentes grupos etários de sua vizinhança e, assim, o seu comportamento estaria prioritariamente sujeito a um controle. O autor observa que depois de 1960, os jovens começaram a assistir a jogos com rapazes da mesma idade, perdendo-se assim este tipo de mecanismo que poderia ser chamado de auto-regulador.

Toledo (1994; 1996) e Pimenta (1997) apontam as mudanças operadas pela intervenção cada vez mais acentuada do dinheiro na estrutura do futebol nos últimos 20/30 anos, como importantes fatores a serem destacados neste processo de aumento da violência nos estádios de futebol.

Reis (2003) destaca a impunidade dos transgressores, o advento da televisão e o aparecimento de uma imprensa que evidencia o valor da notícia orientado por critérios comerciais como os principais componentes deste processo, que fez com que os estádios fossem sendo identificados, ao longo dos anos, como locais permissivos a atos violentos e ilegais, criando uma falsa consciência de que a violência naturalmente era parte deste espetáculo, o futebol.

O tipo de comportamento e a própria sensibilidade dos adeptos dos clubes, atletas, técnicos e dirigentes, em relação à própria violência e ao significado que esta possui para eles, além da pressão que o dinheiro e o modo capitalista de viver exercem neste contexto, é outro fator muito importante, afirmam Barros (1990) e Pils (2005).

Mas para Barros (1990) o aparecimento das torcidas organizadas é decisivo para o aumento deste tipo específico de violência observada nos estádios de futebol. De acordo com este autor, as torcidas organizadas cobram mensalidades, vendem camisas, chaveiros, flâmulas e tudo que puderem para “fazer dinheiro”. E para ser rentável, como todo comércio, precisa de uma propaganda positiva. A partir daí, as pressões que os profissionais do futebol sofrem deles é inacreditável.

Além disso, observa o mesmo autor, o futebol parece proporcionar ao torcedor uma das poucas áreas em que sentem que sua participação é eficaz. Os torcedores não são espectadores passivos, influenciam o resultado das partidas e a administração de seus clubes, com a conveniência dos dirigentes.

Por outro lado, um dos objetivos das torcidas organizadas é a aquisição de respeito e, mesmo sabendo que os distúrbios e atos de vandalismo e violência não envolvem a participação global de seu contingente, é notório que nelas (as torcidas) se revela uma predisposição para o confronto (Chesnais, 1999).

Daí, o surgimento de uma natural e conseqüente atração que estas torcidas exercem sobre indivíduos com orientações racistas e ideológicas de extrema direita e criminosos comuns, que a elas se filiam, não pela sedução das cores do clube que se fazem representar, mas sim pela oportunidade de praticarem suas ações criminosas de forma mais ou menos impunes e organizadas, afirma o mesmo autor.

É possível dizer que o movimento social de jovens em torno das torcidas organizadas determinou novas dimensões culturais e simbólicas que exercem, dentre outros fatores, grande influência no cotidiano urbano da violência nos estádios de futebol (Carvalho, 1985; Barros, 1990; Shepherd, 1991; Murph *et al.*, 1994; Silva, 1996; Pimenta, 1997; 2000; Freitas, 2000; Cunha, 2003).

E já que as torcidas organizadas são apontadas, pela maioria dos autores estudados, como componente fundamental para a violência observada nos estádios, torna-se relevante explorar melhor esta questão através da caracterização de seus participantes.

CARACTERIZAÇÃO DOS MEMBROS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Na composição de uma torcida existe uma pluralidade de agentes que assumem diversos papéis no processo das relações sociais. Pessoas que gostam de futebol, do prazer promovido pelas torcidas, (estudantes, trabalhadores das mais diversas profissões, pais de família, homens, mulheres, adultos e jovens), mas também as que respondem processos criminais agem na ilegalidade (Capez, 1996; Lerner, 1996; Silva, 1996; Freitas, 2000).

Cunha (2003) identificou entre as torcidas organizadas, subgrupos que manifestam comportamentos violentos que se pode caracterizar como fazendo parte do aspecto subcultural da juventude, entendido como produtos de forças estruturais, como classe social, trabalho, desemprego, raça e gênero.

O jovem com problemas familiares, excluído da escola e de um sistema de atendimento público de qualidade, identifica-se com outros excluídos, que encontram nas torcidas organizadas um interlocutor para extravasar os seus anseios (Chesnais, 1999; Reis, 2003)

Portanto, os participantes destas torcidas, são, na sua maioria, jovens sem perspectivas de trabalho, do sexo masculino e oriundos das classes menos favorecidas, mas também, com bastante intensidade, fazem parte de seus quadros jovens oriundos do seio da burguesia (Reis, 2003; Cunha, 2003).

Por fim, é importante comentar que, de acordo com o discurso da maioria dos autores pesquisados, a questão da segurança nos estádios de futebol deve ser tratada com a responsabilidade do poder público com o desafio de, não só identificar os possíveis motivos que levam ao aumento da violência neste processo, mas também, vislumbrar perspectivas para a sua solução e, neste sentido, revelam uma grande preocupação de voltar a atenção para o campo da ação preventiva (Barros, 1990; Toledo, 1994; 1996, Pimenta, 1997; 1999; Reis, 2003; Barroso *et al.*, 2005; Cunha, 2003).

Reis (2003) indicou que a venda antecipada de ingressos no início dos campeonatos, a numeração dos assentos e a instalação de um circuito interno de TV são, entre outras medidas, ações inteligentes, democráticas e civilizadas para o controle sobre o comportamento do público que frequenta os estádios de futebol.

Para este autor, estas medidas favorecem a identificação dos torcedores, facilitando assim sua localização em caso de tumultos, e são mais eficientes que pensar na extinção das Torcidas Organizadas do cenário do espetáculo do futebol no Brasil.

Defender a educação do público e do espectador, o que naturalmente tem de começar na escola, é, também, algo que se faz necessário e, porque não dizer, imprescindível. Mas considerar experiências como a instalação de um juizado que oferece promotoria e defensoria pública para julgar, no próprio local, pequenos atos criminosos, adotada pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, no Estádio do Maracanã, em dias de jogos, e mais recentemente reproduzida em outros estados da federação, também tem se mostrado bastante eficiente, concorrido para evitar o problema da violência nos estádios (Toledo, 1994; 1996, Pimenta, 1997; 1999; Reis, 2003).

Contudo, é consenso entre os autores pesquisados, que o estudo sobre comportamento violento não deve acontecer desvinculado do contexto social e da análise do comportamento violento ou anti-social deve incluir a rede de significações dentro da qual é produzido, sendo imprescindível considerar o ambiente em que vive o jovem (Denisov, 1986; Deslandes, 1993; Sposito, 1998; Cardia, 1999; Back *et al.*, 1999; Schenker & Minayo, 2003; Barroso *et al.*, 2005).

Atuar sobre as causas da violência no cenário do futebol significa dizer, também, procurar atuar sobre as causas da pobreza e miséria do país que determinam, entre outras coisas, a ausência de expectativa dos jovens quanto ao futuro (Reis, 2003).

4. DISCUSSÃO

O futebol, com sua dinâmica e tão complexa estrutura, está longe de ser compreendido em toda a sua dimensão, e a violência, enquanto questão inerente à existência humana, pode ser representada por diferentes visões.

A violência humana tem diversas e controvertidas explicações para a sua origem. Passa por fatores orgânicos, psíquicos e de história de vida, os chamados determinantes sociais, relacionados à realidade socioeconômica na categoria classificatória “Violência Estrutural” (Carvalho, 1985; Minayo, 1994).

Para Minayo (1994) também existem fatores situacionais que podem servir como elemento potencializador da violência, tais como o uso de drogas, álcool, porte de arma e a participação em subgrupos sociais, nos quais a participação em torcidas organizadas pode ser incluída, revelados em ações socialmente reconhecidas como “fora da lei”.

Atividades esportivas implicam, muitas vezes, num comportamento agressivo e em alguma forma de competição, e que, em qualquer marco cultural, podem-se supor dimensões de conflito social e a agressividade, entendida como a força para vencer e para lutar pela vitória, isto é, como uma forma de afirmação pessoal, faz parte da sua intrínseca estrutura. Assim, a afirmação pessoal que pode ser compreendida como uma forma de agressividade pode, ou não, provocar o aparecimento de alguma forma de brutalização dos atos e desrespeito às regras de convivência, como o uso da intimidação e a rudeza nas ações, ou seja, violência (Freitas, 2000).

Por outro lado, a agressividade aumenta à medida que se começa a perder identidade, e a estrutura das torcidas organizadas favorece este processo, produzindo em torno de si, atos de vandalismo, brigas e distúrbios que aparecem como um problema social que vem se agravando no Brasil e se caracterizando como um dos principais componentes do aumento da violência em dias de jogos de futebol nos estádios e em suas imediações (Pimenta, 1997; 1999; Chesnais, 1999; Reis, 2003; Cunha, 2003).

De acordo com Carvalho (1985), o ser humano possui características que podem ser classificadas como pertencentes a sua natureza, mas que só assumem algum significado quando integradas à sua dinâmica histórica e social, o que não significa dizer que resultam de uma personalidade global ou coletiva que se adquire de forma automática.

As ações praticadas pelas torcidas organizadas, manifestações não diferentes daquelas vivenciadas por grupos de jovens em concertos de rock ou em bailes funks, representa apenas uma face do problema da violência nos estádios de futebol. Traz a marca de um desejo. Um emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos e que envolve muitos outros aspectos vinculados, em uma sociedade

historicamente situada num contexto sócio-cultural de violentação urbana no quadro de vida das pessoas, como a exploração, a falta de perspectivas, a má remuneração, o desemprego, a falta de cultura, informação e de tempo livre (Pimenta, 1997; 1999; Back *et al.*, 1999; Reis, 2003).

Mas quando se percebe que não só neste contexto, mas também nele, a violência é perpetrada também por jovens de classe média e média alta, abrem-se perspectivas para que se possa pensar em um traço, talvez cultural, de permissividade e de impunidade da sociedade brasileira.

As teorias biológicas do comportamento humano vão buscar nos animais irracionais, particularmente nos insetos, aspectos fundamentais no intuito de explicar comportamento violento. Traçando, assim, paralelismos grotescos entre a sociedade humana e a destes animais, de forma mecânica e direta se esquecem de observar os aspectos políticos e econômicos, como se fosse possível situar a atividade desportiva fora de um dado momento histórico da sociedade. Outra teoria tende a vincular a violência à questão da frustração e outra, ainda, somente às questões socioeconômicas querendo com elas tudo explicar (Carvalho, 1985).

No entanto diversos autores destacam que a violência não é algo inato, não advém só de situações de frustração e não é de todo provocada e condicionada pelo ambiente e que o seu aumento, observado especificamente no ambiente do futebol, reflete, em muito, o aumento da pressão que se exerce, cada vez mais intensamente, sobre os jogadores e as equipes, com o objetivo de levá-los a ganhar o jogo (Carvalho, 1985; Barros, 1990; Young, 1991; Reis, 2003; Barroso *et al.*, 2005).

Ao mesmo tempo em que se compreende o quanto o tema é controverso, cruzando-se, na sua configuração, problemas da política, da economia, da moral, do direito, da psicologia, das relações humanas e institucionais e do plano individual, é possível perceber que a violência observada nos estádios de futebol também integra a origem da própria consciência, e, portanto, não deve ser tratada de uma forma fatalista, pois, na sua maioria, os eventos violentos não são acidentais, nem tão pouco são fatalidades ou uma questão referente à presença ou ausência de sorte: eles podem ser enfrentados e prevenidos e precisam de uma intervenção lógica e racional para que sejam efetivamente evitados (Minayo, 1994, Reis, 2003).

Assim, apesar de várias das medidas sugeridas pelos autores pesquisados, tais como instalação de delegacias itinerantes nos estádios em dias de jogos, identificação prévia do torcedor através de cadastro e venda antecipada de ingressos serem fundamentais no contexto de todo processo vinculado à violência relacionada ao espetáculo do futebol, isto não atinge o cerne da questão que é o reconhecimento da condição social da violência, que não é específica ao futebol nem ao desporto,

mas sim diz respeito à situação global de toda a sociedade envolvendo setores como o de segurança, economia, saúde e educação e a necessidade de uma articulação política e engajada para o seu enfrentamento (Carvalho, 1985; Freitas, 2000).

Desta forma, qualquer ação implementada no sentido da superação da violência entre torcidas nos estádios de futebol, passa por uma articulação interdisciplinar e multiprofissional e precisa envolver organizações da sociedade civil e comunidades que militam por direitos e cidadania. Ou seja, atuar com uma visão ampla do fenômeno, mas em perspectivas e níveis locais e específicos, visando a uma sensibilização que pode determinar o desenvolvimento de uma filosofia e de métodos, técnicas e habilidades direcionados especificamente à questão (Sherer-Warren, 1993; Souza, 2005).

4. CONCLUSÃO

Não obstante a violência se caracterize como parte intensa nas dimensões do cotidiano urbano contemporâneo, principalmente nos grandes centros, e ultimamente o tema relacionado à violência nos estádios de futebol tenha despertado o interesse de estudiosos, conclui-se que o assunto carece ser melhor estudado, sendo fundamental compreender que qualquer ação para superar este tipo específico de violência não pode prescindir de uma articulação coletiva e precisa envolver vários setores da sociedade.

Observa-se que os aspectos econômicos e sociais podem ser apontados como determinantes para explicar o fenômeno e que a prevenção é um importante caminho a ser adotado. Neste sentido, as perspectivas de análise deste problema precisam ser alargadas, num processo aberto e amplo de discussão, estabelecendo vínculos com temas como a violência urbana da vida das pessoas, a necessidade de educação do espectador e a implementação de medidas preventivas e de punição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACK, L.; CRABBE, T.; SOLOMOS, J. Beyond the racist/hooligan couplet: race, social theory and football culture. *The British Journal of Sociology*. v. 50, n. 3, p. 419 - 442, 1999.
- BARROS, J. M. A. Futebol - *Porque foi... Porque não é mais*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990. Cap. 2, p. 15 - 19.
- BARROSO, M. L. C.; VELHO, N. M.; FENSTERSEIFER, A. C. B. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica / Violence in soccer: a socio-psychological

review. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*. v. 7, n. 1, p. 64 - 74, 2005.

CARDIA, N. *Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras*. Brasília: Ministério da Justiça / Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 118p.

CARVALHO, A. M. *Violência no desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

CAPEZ, F. Violência no futebol. In: LERNER, J. (Ed.). *A violência no esporte*. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania/Imesp, 1996, p. 49 - 52.

CHESNAIS, J. C. A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção. *Ciências & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 53 - 69, 1999.

CUNHA, F. A. *Origem, evolução e composição das torcidas*. 2003. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/index.htm.artigos>>. Acesso em: 10 mar. 2007.

DENISOV, V. *Violencia social: ideologia y politica*. Moscú: Progreso, 1986.

DESLANDES, S. F. *Prevenir e proteger: Análise de um serviço de atenção aos maus tratos na infância*. 1993. Tese (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública. FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

FREITAS, C. M. S. M. *O significado social do desporto nas classes sociais: uma análise do fenómeno*. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto. Portugal.

LERNER, J. (Ed.). *A violência no esporte*. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, Imesp, 1996.

MINAYO, M. C. S. A violência social na perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 10, n. Supl. 1, p. 7 - 18, 1994.

_____. Violência, um problema para a saúde dos brasileiros. In: SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S (Org). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. p. 9 - 33.

MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. *O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras/Portugal, Celta Editora, 1994. Tradução de Raul Sousa Machado.

PILZ, G. A. *Nurturing fair play in competitive sports. Results from a study on competitively oriented youth soccer*. *Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz*. v. 48, n. 8, 881 - 890, 2005.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal Editora, 1997. 280p.

_____. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol. In: COSTA, M. R. *et al. Futebol o espetáculo do século*. 1999, p.131 - 145.

_____. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*. v. 14, n. 2, p. 122 - 128, 2000.

REIS, H. H. B. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 85 - 92, 2003.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 299 - 306, 2003.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F.; COUTO, M. T. Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 40, p. 112 - 120, 2006.

SCHERER-WARREN, I. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 143p.

SHEPHERD, J. Football hooliganism, delinquency and public health. *The Medical-Legal Journal*. v. 59, (Pt 1), p. 50 - 52, 1991.

SILVA, E. M. *As 'torcidas organizadas de futebol': violência e espetáculo nos estádios*. 1996. 187p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais. PUC, São Paulo.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 59 - 70, 2005.

SPOSITO, M. P. A Instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 104, p. 58 - 75, 1998.

TEIXEIRA, R. C. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. *Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, v. 10, p. 85 - 104, 2001.

TOLEDO, L. H. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. Dossiê futebol. *Revista da USP*. São Paulo, n. 22, p. 92 - 101, 1994.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996. 176p. Coleção Educação Física e Esportes.

YOUNG, K. Sport and collective violence. *Exercises and Sport Science Reviews*. v. 19, p. 539 - 586, 1991.